

## TEMPO E MÉDIA: NOTA INTRODUTÓRIA TIME AND MEDIA: INTRODUCTORY NOTE

Emília Araújo & Patrícia Matos

---

Qual é hoje o tempo dos média? Existe um tempo dos média e para os média? Em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1934/1994), Walter Benjamin pensava de forma seminal o impacto das técnicas de reprodução sobre a percepção moderna. Para o autor, a massificação do consumo da fotografia e do cinema contribuía, desde então, para uma “reorganização espaço-temporal” (Hansen, 2012, p. 210).

Se estamos mergulhados num contexto no qual produtos da cultura dos média são propagados massivamente através de imagens e sons, torna-se urgente entender de que forma tais inovações podem trazer transformações profundas não só nos modos de lidar e perceber o tempo, mas nas dinâmicas políticas, sociais e emocionais que se entrecruzam com o desenvolvimento de objetos tecnológicos e digitais. Antes mesmo do advento dos smartphones e do império online do Instagram, YouTube e Facebook, Vilém Flusser pressentia: “não é mais a posse, mas a informação (não mais o hardware, mas o software) que proporciona poder; e não é mais a economia, mas a comunicação que constitui a infraestrutura da comunidade e da sociedade” (Flusser, 1999, p. 155). Essa verdadeira revolução epistemológica levaria o autor a questionar “o quanto critérios históricos do tipo ‘verdadeiro e falso’, ‘dado e feito’, ‘autentico e artificial’, ‘real e aparente’ não se aplicam mais ao nosso mundo” (Flusser, 2008, p. 45).

Novas preocupações emergem, então: que recursos teóricos podemos mobilizar para entender hoje a atividade mediática? Que novas reconceptualizações se impõem face ao modo como os média lidam com o tempo social, histórico e cultural e o (trans) figuram? Em que condições e com que implicações para os grupos, as organizações e os sujeitos? Com efeito, os fenómenos comunicacionais são também processos temporais e implicam várias dimensões de tempo, da duração e da temporalidade. O advento da fotografia, paradigma da imagem técnica, marca então a inauguração de uma nova era dos média, que se estabelece e aprofunda com o surgimento dos novos média digitais e das imagens sintéticas. Ao longo do século XX, as implicações destas transformações para as dimensões socio-antropológicas, culturais e políticas foram investigadas por diversos autores. No que diz respeito à temporalidade das imagens técnicas, Flusser descreve o paradoxo diante do qual nos colocam: “as imagens aparecem como relâmpago e como relâmpago desaparecem”. No entanto, são “eternas” porque guardadas em memórias e também recuperáveis “imediatamente”. Logo, não há mais o “espaço: todos estamos aqui juntos, não importa onde estejamos”. Logo, não há mais o “tempo”: tudo está comigo agora, não importa quando tenha acontecido” (Flusser, 2008, p. 149).

Para articular o tempo, a comunicação e os média é importante partirmos de dois modos até certo ponto complementares de conceber o tempo. Por um lado, o tempo cronológico, medível através de relógio, antecipável e sujeito a projeção e, por outro, o tempo subjetivo, vivido e objeto da memória e da experiência dos sujeitos, dos sistemas e das comunidades e grupos.

Na primeira perspetiva, a relação entre tempo e média sugere alguma problematização acerca do modo como aqueles vieram a estabelecer-se como agentes da aceleração do tempo, por via, igualmente, da aceleração técnica de que se beneficiaram nas últimas décadas. Esta é uma das teses mais difundidas na área da sociologia do tempo e da sociologia da comunicação e dos média. Há vários pontos e dimensões de análise a considerar nestas assunções. Com efeito, novas galáxias se abriram depois da de Guttemberg, por influência da expansão das teorias comunicacionais e do desenho e implementação de uma ampla variedade de meios tecnológicos que contribuíram para a realização efetiva da compressão espaço-tempo, concetualizada por David Harvey (2002). Na prática, os meios de comunicação tornaram mais fácil e mais rápida a circulação de informação, conduzindo também ao acesso generalizado a todos os tipos de conteúdos, por parte da população. Mencionem-se tanto os meios tecnológicos propriamente ditos e que estão intimamente relacionados com a expansão da digitalização, como os processos de circulação de informação e contacto.

No seguimento da abordagem de Hartmut Rosa (2015), pode argumentar-se que a aceleração técnica é um processo intrínseco à intensificação da aceleração social, por sua vez intimamente correlacionada com a expansão da comunicação e dos média. A sociedade é, como o explicara Ijrun Appadurai, constituída de paisagens mediáticas que operam em vários sentidos – uns no reforço da globalização e da experiência da “aldeia global”, com os desafios e riscos inerentes; outros no sentido da emergência de novas atividades e modalidades de trabalho, estilos de vida e cultura. Refere Appadurai:

*as mediapaisagens, sejam elas produzidas por interesses privados ou, públicos, tendem a ser explicações centradas na imagem, com base narrativa, de pedaços da realidade, e o que oferecem aos que as vivem e as transformam é uma série de elementos (como personagens, enredos e formas textuais) a partir dos quais podem formar vidas imaginadas, as deles próprios e as daqueles que vivem noutros lugares. (Appadurai, 1996, p. 53)*

A sociologia do tempo tem dado conta das relações entre processos de aceleração, velocidade informacional e comunicacional e transformações socioculturais. Não é apenas a linha de fronteira entre tempo ocupado e tempo livre que se desvanece, à medida que a digitalização transforma os espaços e os tempos de trabalho e alarga os leques de possibilidades relativas aos tempos do lazer. Emergem também novas empresas que respondem às necessidades da aceleração social dedicadas a providenciar serviços e bens marcados pela instantaneidade, o tempo parcial e, como referia Richard Sennet em 2006, o “sequenciamento não linear” (p. 53). A oferta providenciada pelos diversos meios comunicacionais é cada vez mais vasta, por vezes desconstruída, mas múltipla

e complexa, constituindo o que Mike Featherstone (2009) denomina a ubiquidade do tempo: estar em toda a parte e em parte alguma, ao mesmo tempo. Neste sentido, os estudos indicam como está a ser a experiência de vida de quem trabalha diretamente com e nos meios de informação e de comunicação, em resposta a esse crescendo de aceleração que se verifica como resposta, igualmente, à competição e à consequente necessidade de controlo e acesso a recursos, por parte das organizações que operam dentro do sistema mediático e informacional. Estamos no domínio do novo capitalismo (Sennet, 2006).

Mas não se trata apenas de diagnosticar as variações nos horários de trabalho, ou sequer a ausência destes mas, principalmente, da necessidade constante de se estar ligado(a) como característica essencial de conformação e integração. Noutra vertente, o tempo da e para a comunicação ou informação desaparece enquanto entidade única do universo dos gostos e dos estilos de vida das populações, uma vez que, da mesma forma, a experiência quotidiana é amplamente constituída pelo tempo da mediação comunicacional. Os estudos acerca dos usos e implicações das tecnologias de informação e de comunicação são muito vastos. Inserem-se neste debate acerca das implicações socioculturais das diversas formas de tecnociência, salientando os efeitos na cultura.

Na segunda perspetiva é objeto de análise o tempo da experiência individual e coletiva, sendo de destacar os fenómenos relacionados com a construção dos horizontes temporais – passado-presente-futuro e com a (ir)reversibilidade. Uma das características da sociedade tecnocientífica digital está na capacidade sem precedentes históricos, de os meios tecnológicos de armazenamento e uso (disseminação) da informação permitirem, de forma (quase)instantânea, a manipulação dos horizontes temporais, desencadeando efeitos sobre o conhecimento, a avaliação e o julgamento acerca quer da experiência, quer da expectativa históricas. Dois dos pressupostos implícitos que marcaram a história até à expansão da digitalização – nomeado como processo que – consistia em propor que o tempo não seria armazenável e que os acontecimentos passados (e irreversíveis) ficariam acedíveis através da memória ou de objetos de registo.

O presente realiza de forma cada vez mais digital, o que disse Appadurai:

o passado deixou de ser uma pátria a que regressar numa simples operação de memória. Tornou-se um armazém sincrónico de enredos culturais, uma espécie de central de *casting* temporal a que recorrer apropriadamente, conforme o filme a realizar, a a peça a encenar, os reféns a salvar. Tudo isto está em forma para a corrida, se seguirmos Jean Baudrillard ou Jean-François Lyotard ao interior de um mundo de signos totalmente desatracados do seu significado social (todo o mundo é uma Disneylândia). Mas gostaria de sugerir que a possibilidade aparentemente crescente de o substituir todo um período ou postura por outros nos estilos culturais do capitalismo avançado está ligada a forças globais mais vastas que muito fizeram para mostrar aos Americanos que o passado é normalmente outro país. Se o teu presente for o futuro deles (como em tanta teoria de modernização ‘e em muitas fantasias turísticas gratificantes), se o futuro deles for o teu passado

(como no caso dos virtuosi filipinos da música popular americana), então o teu passado pode apresentar-se como uma simples modalidade normalizada do teu presente. Assim, embora alguns antropólogos continuem a relegar os seus Outros para espaços temporais que eles próprios não ocupem (Fabian, 1983), as produções culturais pós-industriais entraram numa fase pós-nostálgica. (Appadurai, 1996, pp. 47-48)

A digitalização oferece, no entanto, contextos bastante distintos desses pressupostos. Isto porque, não só permite armazenar o tempo (séries de acontecimentos e eventos que ficam registados no momento em que ocorrem), como transforma profundamente a natureza da memória, individual e coletiva. Uma criança pode ver-se a si mesma quando era bebé ou em fases anteriores da sua vida e observar como eram as interações com os seus familiares, como era o seu espaço de vida e, inclusivamente, tirar conclusões sobre a sua aceitação e integração familiar e social. Este ato de “ver-se” a si própria é com certeza complexo, porque a criança acede ao que, numa certa altura da vida, lhe era inconsciente. Uma sociedade, ou um grupo pode rever-se no passado, revisitando acontecimentos dos quais não tiveram conhecimento, devido a controlo político, ou outro.

Além disso, os média propiciam conteúdos acerca dos acontecimentos históricos passados (e irreversíveis), sob registos que os tornam reversíveis porque os trazem ao presente, sob a forma de imagens, discursos e outros, tornando-os objeto de novas experiências, mais do que recordação ou rememoração, com potencial implicação sobre as identidades individuais e coletivas. Movimentos como MeToo, ou revelações como as que atingem hoje a Igreja ou celebridades por acusações de pedofilia e assédio são exemplares na forma como os média recuperam o tempo passado e o transformam em objeto e matéria de emergência constantes, conduzindo a revisões legais também focadas sobre o tempo-objeto de crime ou sanção. Neste sentido, o tempo não é só um instrumento de mediação e de criação de objetos (conteúdos e ou eventos). É também ele próprio objeto de troca (sob a forma do que pode acontecer e do que poderia acontecer).

Adicionalmente, os média facilitam a experiência constante de emergência, quando fenómenos e acontecimentos permanecem de forma persistente e partilhada online, abrindo-se a diversas interpretações ao longo do tempo. Sabemos pouco sobre as consequências desta possibilidade de criar emergência constante nos média e através dos média sobre a sociedade e as pessoas, em concreto. Por agora, sabemos que qualquer acontecimento, no mesmo momento em que ocorre e se solta nas redes mediáticas, torna-se imediatamente acessível, mas também armazenável e reversível (não o acontecimento em si, mas a sua forma temporal e mediática). Vários dos conteúdos objetos de circulação e consumo são puramente demonstrações dos contrastes entre o que foi dito ao longo do tempo e o que foi dito “agora”. Neste aspeto, os média e as suas lógicas de interpretação prestam-se eximamente a demonstrar o que se considera serem contradições, incoerências ou “posturas vira casacas”, justamente porque os meios tecnológicos permitem eficazmente o confronto de tempos. Fazem-no com interesses e motivações diversas, mas o que importa são os seus efeitos.

Como se observa, existem vários modos de entender a relação entre tempo e mídia. Os enquadramentos teóricos que permitem a sua análise incluem autores com perspectivas diferentes acerca das implicações das tecnologias de informação e de comunicação. Manuel Castells (2011) assinalou, por exemplo, que no contexto da sociedade digital, as redes sociais constituem o espaço-tempo das relações de poder que afetam a posição dos atores no espaço de oportunidades. Típico das redes é, no entanto, o facto de contribuírem para a redução dos compassos de espera entre relações, podendo afetar a capacidade de os atores planificarem e colocarem em prática as suas ações, ao mesmo tempo que as podem potenciar e catapultar para planos de concretização irreversíveis. Num alinhamento crítico, Zygmunt Bauman considerava na análise à globalização e às suas consequências humanas (1999) que a capacidade de comprimir o tempo e o espaço conferida pelas tecnologias era uma fonte de poder e de desigualdade social em crescimento, paralela à globalização. O autor chamara “nova velocidade” a esse tipo de aceleração técnica e social que cria “novas polarizações”, porque:

trocando em miúdos: em vez de homogeneizar a condição humana, a anulação tecnológica das distâncias temporais/espaciais tende a polarizá-la. Ela emancipa certos seres humanos das restrições territoriais e torna extraterritoriais certos significados geradores de comunidade – ao mesmo tempo que desnuda o território, no qual outras pessoas continuam sendo confinadas, do seu significado e da sua capacidade de doar identidade. Para algumas pessoas ela augura uma liberdade sem precedentes face aos obstáculos físicos e uma capacidade inaudita de se mover e agir a distância. Para outras, pressagia a impossibilidade de domesticar e se apropriar da localidade da qual têm pouca chance de se libertar para mudar-se para outro lugar. Com “as distâncias não significando mais nada”, as localidades, separadas por distâncias, também perdem seu significado. Isso, no entanto, augura para alguns a liberdade face à criação de significado, mas para outros pressagia a falta de significado. Alguns podem agora mover-se para fora da localidade – qualquer localidade – quando quiserem. Outros observam, impotentes, a única localidade que habitam movendo-se sob seus pés. (Bauman, 1999, p. 24)

Um modelo teórico que nos parece bastante útil na problematização da relação entre tempo e mídia pertence a Niklas Luhmann (2005). Este autor desenvolve a teoria dos sistemas aplicada a várias esferas da sociedade, em particular aos meios de comunicação. Recusando a tendência para a unidade, o autor explica que os sistemas são realidades *processuais*, caracterizadas pela capacidade de autorreferência e autopoiese. Com efeito, o tempo é entendível enquanto elemento central do sistema comunicacional mediático, uma vez que o sistema precisa de tempo para se auto reproduzir e gerir a mudança.

No livro *A realidade dos meios de comunicação*, Luhmann (2005) argumenta sobre a particularidade do tempo nos sistemas comunicacionais, ressaltando que:

os meios de comunicação de massa, contudo, espalham a informação de forma tão ampla que as pessoas, no momento seguinte, já supõem que ela seja de conhecimento geral (ou que não a conhecendo significaria “ficar mal” e, por isso, não se reconhece que não sabia (...)) Nesse sentido, os meios de comunicação produzem redundância social em ampla escala na sociedade, quer dizer, a necessidade diretamente vinculada a essa redundância de se ter informação nova. Da mesma forma que a economia, diferenciando-se de forma autofortificada com base nos pagamentos em dinheiro, produz incessantemente a necessidade de substituir o dinheiro gasto pelo novo, de forma semelhante os meios de comunicação produzem a necessidade de substituir a informação redundante por nova informação: *fresh money* e *new information* são os motivos centrais da dinâmica social. (Luhmann, 2005, p. 45)

No entender do autor, a aceleração do tempo na informação integra uma neurose global de produção sempre diferenciada de bens e de serviços e, nessa medida, os meios de comunicação são não só utilizadores de tempo. São também produtores de tempo, no que respeita à forma como são rececionados e às rotinas que instituem (por exemplo, os horários de certos programas estruturam o tempo quotidiano) e que se alteram.

A exploração das relações entre tempo e mídia não se fica, assim, pela análise de fenómenos sociológicos que marcam as grandes tendências da sociedade na atualidade e às quais já nos referimos: i) surgimento de novos padrões de usos e valorizações do tempo e ii) novos modos de relação entre grupos e sujeitos sociais que incluem dispositivos mediáticos com influência na administração e usos sociais do tempo. Tem também muito a dizer sobre a forma como os sujeitos acedem a tais dispositivos de observação e de manipulação do tempo e sobre os seus interesses e estratégias, uma vez que o controlo do tempo é um modo de poder e de dominação. Desta maneira, a temática das relações entre tempo e mídia conduz-nos aos fenómenos de poder e de guerra, assim como de risco, segurança e vigilância.

Um apontamento necessário diz respeito à relação entre tempo, mídia e arte. Tal acontece não apenas porque o tempo se refere aos contextos de circulação da arte nos e através dos mídia, mas porque tanto os mídia, como as artes (analiticamente consideradas na sua individualidade), são temporalmente constituídos, isto é, o tempo faz diferença na sua estruturação e conceção, podendo mesmo funcionar como característica distintiva dos conteúdos e das obras.

De novo, não nos referimos só à dimensão cronológica e medível do tempo, mas à forma como constitui a identidade dos conteúdos e das obras, podendo ser objeto de análise e de disposição estética deliberada. Retomando o conceito de sistema proposto por Luhmann (2005), observemos que o tempo tem também uma presença discursiva nos mídia porque faz parte dos conteúdos, das mensagens manifestas que circulam nos vários espaços, compondo a arquitetura das mensagens e dos conteúdos, de modos que se tornam inquestionáveis aos sujeitos. A publicidade produz uma linguagem e uma semântica específicas do tempo e o mesmo acontece no mundo dos mídia sociais.

A teoria social preenche-se de autores que apelam insistentemente à centralidade das questões do tempo – de vida, usado, pedido, manipulado, cedido, controlado – nas sociedades atuais, sendo de questionar inclusivamente a necessidade de ser estruturada uma pedagogia apropriada ao uso do tempo, em contexto de ação digitais.

Este número não esgota o tema tão vasto, como acabámos de referir. Reúne alguns temas que vieram a ser sugeridos pelos próprios autores, seguindo alinhamentos teóricos diversos, nomeadamente atravessando os conceitos de duração, espera, sincronização e aceleração em contexto informativo.

Iniciamos o número temático com uma reflexão sobre a noção de tempo e sua relação com os média, a partir de uma perspetiva transdisciplinar que dialoga com a física moderna. No texto “Tempo e caos: a ‘imaginação dos possíveis””, Gustavo Castro e Florence Dravet procuram perceber como a noção de tempo medeia a percepções e estéticas de espaço/tempo e ordem/caos. Para isso, analisam nas narrativas “As cosmicômicas” e “Novas cosmicômicas”, de Italo Calvino, no filme *Melancholia*, de Lars Von Trier e, também, nas interpretações do físico e prémio Nobel de Química, Ilya Prigogine, através de um método crítico.

Um outro tipo de espaço-tempo é abordado em “O feitiço do tempo da comédia”. Nuno Jerónimo e Carlos Alexandre enfatizam a importância do tempo na construção da comédia, como forma de arte inegavelmente também sujeita hoje ao tempo veloz das tecnologias digitais. Neste texto, em vez de aceleração e compressão, analisa-se a interrupção como recurso discursivo e performativo da comédia que, para os autores, possui características singulares em relação à temporalidade, atuando, por exemplo, na suspensão da vida quotidiana.

No texto “O tempo do medo *versus* o tempo da ciência”, Simone Evangelista e Marcelo Garcia abordam o descompasso entre regimes de temporalidade distintos em um mesmo episódio: a epidemia do vírus Zika e microcefalia no Brasil, em 2015/2016. A partir de um estudo de caso sobre a difusão de informações acerca da epidemia, os autores analisam o tempo da procura por respostas por parte da população (cheia de dúvidas e incertezas) e, de outro lado, o tempo da divulgação de dados por parte das instituições científicas sobre o mesmo assunto. No cerne da discussão proposta pelos autores, está o papel dos média, notadamente das redes sociais como mediadora de tais disputas discursivas em torno da doença.

O texto de Susana de Noronha, “As cadeiras do cancro hereditário: compreender o tempo e a doença com desenho etnográfico criativo” debruça-se sobre a experiência da doença e a persistência da espera como categoria analítica da vida em suspensão. A pintura e o desenho etnográfico constituem meios privilegiados através dos quais a autora entra na duração da experiência do outro ser que se apaga pela doença temporalmente limitativa do cancro.

No artigo “Um olhar dos jornalistas sobre a relevância do tempo na cobertura de fenómenos de corrupção”, Ana Moreira, Helena Sousa e Emília Araújo discutem a relação do tempo com os média, numa perspetiva que considera as relações de poder entre o sistema judicial, mediático e político. As práticas de corrupção que envolvem

acusações a políticos constituem-se como foco de investigação, à luz dos padrões de controlo do tempo que permeiam aqueles sistemas.

Priscilla Porto Nascimento Fasani assina o texto “Temporalidades inscritas no corpo intensivo durante a experiência do projeto artístico Soundsystem” no qual expõe as diversas formas de expressão do tempo obtidas pela arte, argumentando que os “artistas resistem a cronopolítica e propõem um tempo do Acontecimento. A dança e a música permitem libertar o corpo de seus movimentos utilitários e orgânicos”.

Em seguida, partimos para outra discussão que aborda o papel dos média na relação com o tempo, agora do ponto de vista da percepção de aceleração, eliminação do tempo e velocidade. Ivone Neiva Santos e José Azevedo assinam um texto sobre os novos *flâneurs*, propondo uma revisão do estado de arte acerca da literatura que destaca a visão pós-estruturalista do tempo. Em “Compressão do espaço-tempo e hiperlocalização: os novos *flâneurs*”, os autores recorrem a uma extensa revisão bibliográfica e conceitual para discutir o tempo instituído pelos média, bem como seu caráter de ubiquidade e pervasividade que contribuiriam para percepções de desterritorialização e destemporalização.

A leitura de Vítor Sousa ao livro de Byung-Chul Han, *O aroma do tempo*, sobre a arte da demora e os seus paradoxos nas sociedades atuais evidencia o caráter atemporal do questionamento filosófico e antropológico sobre o tempo, demonstrando o interesse em discutir as temporalidades e os usos do tempo em paralelo com as dinâmicas sociais. ✍

## REFERÊNCIAS

- Appadurai, I. (1996). *Dimensões culturais da globalização. A modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização e consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Benjamin, W. (1934/1994). *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura*. S. Paulo: Brasiliense.
- Castells, M. (2011). A network theory of power. *International Journal of Communication*, 5, 773-787. Retirado de <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/1136>
- Featherstone, M. (2009). Ubiquitous media: an introduction. *Theory, Culture & Society*, 26(2-3), 1-22. <https://doi.org/10.1177/0263276409103104>
- Flusser, V. (1999). *Ins universum der technischen bilder*. Göttingen: European Photography.
- Flusser, V. (2008). *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Annablume.
- Hansen, M. (2012). Benjamin, cinema e experiência: a flor azul na terra da tecnologia. In T. Capistrano (Ed.), *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção* (pp. 205-255). Rio de Janeiro: Contraponto.
- Harvey, D. (2002). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola.
- Luhmann, N. (2005). *A realidade dos meios de comunicação*. Paulus: S. Paulo.
- Rosa, H. (2015). *Social acceleration-a new theory of modernity*. Nova Iorque: Columbia University Press

Sennet, R. (2006). *A cultura do novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.

#### NOTAS BIOGRÁFICAS

Emília Rodrigues Araújo é Professora Auxiliar no Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia e investigadora no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Tem participado em diversos projetos de investigação nas temáticas do tempo, cultura e mobilidades na ciência e na investigação. Participa em várias associações científicas, tendo diversas publicações nacionais e internacionais sobre as temáticas mencionadas.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3600-3310>

Email: [emiliararaujo@gmail.com](mailto:emiliararaujo@gmail.com)

Morada: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Sociologia, 4710-057 Gualtar – Braga, Portugal

Patrícia Matos é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil. Possui mestrado pela mesma instituição. É investigadora visitante da Universidade Aberta da Catalunya. Trabalha principalmente com temas ligados a mobilidade, estilo de vida e Tecnologias de Informação e Comunicação aplicadas ao mundo do trabalho.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5902-8417>

Email: [pmatos@id.uff.br](mailto:pmatos@id.uff.br)

Morada: Rua Professor Marcos Waldemar de Freitas Reis s/n Bloco A - UFASA São Domingos, Niterói - CEP 24210-201 - Rio de Janeiro, Brasil